
Aporofobia: uma perspectiva sobre a vulnerabilidade na literatura infantil.¹

Bárbara HELLER²
Eloenia Oliveira da SILVA³
Maria Luisa Ramirez Soares MARCATO⁴
Universidade Paulista – UNIP, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo analisa a representação da aporofobia no livro infantil *Aporofobia: você não conhece a palavra, mas conhece o sentimento* (2023), de Blandina Franco e José C. Lollo, em parceria com Júlio Lancellotti. O livro foi escolhido por ter sido lançado após a Lei Padre Júlio Lancellotti (Lei nº. 14.489\2022), contra o ódio e arquiteturas hostis à população pobre em espaços públicos. Analisa-se o livro por meio da semiótica plástica e figurativa de Greimas e pesquisa bibliográfica sobre vulnerabilidade social, preconceito e respeito às diferenças. Concluímos que a obra colabora para desenvolver no público infantil conhecimento, respeito às diferenças sociais e a importância dos Direitos Humanos, e, representa um avanço na produção editorial.

PALAVRAS-CHAVE: Livros infantis; Comunicação; Aporofobia.

Introdução

Em 1º de dezembro de 1995, na coluna “Aporofobia”, a escritora Adela Cortina abordou, em uma conferência euro mediterrânea em Barcelona, questões como imigração, terrorismo, paz, crise e desemprego. Ela defendeu que “não se rejeita tanto os estrangeiros quanto os pobres”. Para nomear essa nova categoria de preconceito,

¹Trabalho apresentado no GP25 - Produção Editorial, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Professora titular do Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP), São Paulo/SP, Brasil. Email: b.heller.sp@gmail.com

³Doutoranda em Comunicação pela Universidade Paulista (UNIP), São Paulo/SP, Brasil. Email: eloeniaadv@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 0011.

⁴Pós-graduada em Livros para a infância pela Casa Tombada e mestranda em comunicação pela Universidade Paulista (UNIP), São Paulo/SP, Brasil. E-mail: maluramirez.educadora@gmail.com

recorreu ao grego "áporos" (pobre), cunhando o termo "aporofobia" (Cortina, 2020, p. 26-27).

Refletir sobre a condição das pessoas pobres e vulneráveis geralmente nos faz pensar nos moradores de rua, desprovidos de abrigo, alimentação e direitos básicos, muitas vezes invisibilizados ou removidos para alojamentos públicos. No entanto, a aporofobia vai além da hostilidade direta, abrangendo um sistema social que marginaliza e nega acesso a recursos e serviços. Neste contexto, é crucial enfrentar tanto atitudes individuais quanto políticas públicas que perpetuam essas desigualdades.

Marques (2018) defende que vulnerabilidades econômicas, sociais, de gênero e raciais emergem de "um espectro de condições negativas", deixando as pessoas pobres, limitadas, frágeis e dependentes. Para resolver esses problemas, sociólogos como Judith Butler e Alyson Cole sugerem melhor distribuição de riquezas e atenção cuidadosa às situações e práticas que envolvem a alteridade (*apud* Marques, 2018, p. 14).

Assim, refletimos com Marques e outros teóricos sobre como pessoas privadas de seus direitos de pertencimento, de existência e de sobrevivência coletiva são representadas em livros para a infância, um segmento bastante lucrativo, especialmente depois da pandemia de 2019-2020, quando o setor cresceu 31% em volume e 27% em valor (SNEL, *apud* Silva et al., 2023).

Como todo setor produtivo, os livros infantis evoluíram, libertando-se do circuito escolar e incorporando questões de cidadania, "de caráter mais libertário" (Chartier, in Lajolo e Zilberman, 2017, p. 8). Neste contexto, este gênero literário agora aborda temas como dor, tristeza, angústia e desrespeito, além das questões decorrentes da "intensa movimentação política de segmentos sociais pouco expressivos até as décadas finais do século XX" (Lajolo e Zilberman, 2017, p. 14), como populações originárias e vítimas de discriminação racial, social e de gênero.

Dessa forma, o mercado livreiro reflete a transformação do livro enquanto objeto, com produtos para bebês, textos online, reedições de clássicos e novos autores. Fornecem-se livros para todos os gostos, habilidades de leitura e níveis econômicos. A obra em questão exemplifica essas mudanças no mercado de livros infantis, incorporando temas contemporâneos e socialmente relevantes. Assim, a literatura infantil contemporânea não só diversifica suas ofertas para atender a um público

variado, mas também educa e conscientiza, adaptando-se às exigências de um mercado em constante evolução.

Todos estes aspectos serão retomados para responder à nossa pergunta-problema: Como a representação da aporofobia no livro *Aporofobia: você não conhece a palavra, mas conhece o sentimento* (2023), de Blandina Franco e José Carlos Lollo, reflete as tendências do mercado editorial infantil ao abordar temas sociais, que podem influenciar as práticas de venda e a democratização do acesso à literatura infantil?

Selecionamos, para análise, as páginas que consideramos mais representativas da vulnerabilidade social e econômica. O método apoia-se na análise plástica e figurativa dos enunciados verbo-visuais, a partir de Greimas (1984) e, de pesquisa bibliográfica sobre vulnerabilidade social, preconceito e respeito às diferenças.

O livro *Aporofobia: você não conhece a palavra, mas conhece o sentimento* avança na luta contra a discriminação infantil. Suas isotopias plásticas e figurativas revelam a vulnerabilidade e a repulsa pelo pobre. A obra representa um importante progresso na bibliodiversidade, entendida como a diversidade cultural no universo dos livros (Hawthorne, 2018, p. 20).

Perspectiva conceitual de Aporofobia e vulnerabilidade

Em 1995, Adela Cortina (2022) cunhava o termo “Aporofobia”. Em 14 de novembro de 2023, ao investigar a presença desse termo no Instagram, identificaram-se 6.158 ocorrências da hashtag #aporofobia, sem considerar outras referências e hashtags emergentes relacionadas ao tema.

Fig. 1 - Print da Hashtag #aporofobia



Fonte: Instagram

Embora não seja possível determinar exatamente quando essa disseminação começou, esses números refletem a relevância e a amplitude do conceito que a supracitada autora introduziu nas discussões públicas, especialmente por meio das redes sociais.

Segundo Adela Cortina (2020, p. 12) a responsabilidade pelo reconhecimento, respeito e apoio às pessoas em situação de vulnerabilidade, sujeitas à exclusão e aversão na sociedade, é compartilhada pelas políticas públicas e essa responsabilidade se estende à família, à escola e às diversas áreas da sociedade, refletindo o compromisso do cidadão.

Aporofobia, termo que denota o medo, aversão, preconceito ou hostilidade em relação a pessoas em situação de pobreza, ganha cada vez mais destaque no Brasil, especialmente pela atuação do Padre Júlio Lancellotti, da Pastoral do Povo da Rua, que foi colaborador na elaboração do livro que serviu como *corpus* para a análise nessa pesquisa e que tem contribuído para a difusão desse conceito e sua compreensão em nosso contexto.

Utilizando sua página no Instagram como plataforma central, ele compartilha essas experiências, ampliando a conscientização sobre o tema. Além disso, o padre também adota outra abordagem, concedendo entrevistas a veículos de imprensa, como os apresentados a seguir, para disseminar informações sobre a discriminação contra pessoas em situação de vulnerabilidade social, mais precisamente os que vivem em situação de rua. Essas ações destacam sua dedicação em sensibilizar a sociedade e promover a discussão sobre a importância de combater a aporofobia.

Fig. 2 - Exemplo de postagem que relata um caso de uso de arquitetura hostil



Fonte: Instagram

Fig. 3 - Matéria de Jornal (G1) que mostra Padre Júlio Lancellotti marretando blocos de paralelepípedos, parte de arquitetura hostil em São Paulo.



Fonte: Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/12/10/padre-julio-lancellotti-faz-campanha-contr-a-aporofobia-no-pais-conheca-osignificado.ghtml>

No que tange ao conceito de vulnerabilidade, Butler (2011, p.167) destaca que Levinas apresenta a importância de responder ao outro implicando, muitas vezes, em suspender a autopreservação individual pelo bem-estar coletivo. A vulnerabilidade é apresentada como tema central nesse contexto ético.

O rosto que é vulnerável é descrito como questionador do direito à existência, com isso, a aceitação e o reconhecimento da vulnerabilidade do outro são fundamentais para a construção da humanidade, pois o outro tem também o direito à existência. E que a sobrevivência individual também depende da sobrevivência coletiva e, por isso, sobrevivência do rosto.

Seriam essas vulnerabilidades uma maneira de existir no mundo e, ao mesmo tempo, uma exposição e passividade relacionada ao outro que não o vê como dono de

autonomia e identidade? A privação dos direitos de pertencimento também pode expor e possivelmente afetar de maneira negativa. É literalmente negar seu direito à existência e a sobrevivência individual, dentro de um coletivo no qual não consegue participar.

Segundo Butler (2018, p. 44), as normas humanas são socialmente construídas. Então perguntamo-nos, quem tem o poder de influenciá-las e como elas modulam as concepções do que é considerado “humano” em uma sociedade?

Enquanto hierarquia, essas normas conferem poder a quem as promove, distinguindo aqueles que podem escolher dos que são deliberadamente excluídos. Essa exclusão marginaliza grupos sociais. Mesmo que os marginalizados insistam em participar, enfrentando uma vida precária em grandes centros econômicos e culturais como São Paulo, os demais membros da sociedade continuam a invisibilizá-los, ignorando sua existência ou tirando-lhes a autonomia e migrando para outras áreas da cidade.

Análise do *corpus*

O livro, lançado em 2023, tem 48 páginas no formato A6 e é grampeado. A capa e as ilustrações são de José Carlos Lollo, e o texto é de Blandina Franco em parceria com o padre Júlio Lancellotti. Indicado para leitores a partir de 6 anos, aborda um preconceito presente na sociedade brasileira, especialmente nas grandes cidades.

Com o selo da Companhia das Letrinhas, a proposta é publicar livros relacionados à cultura brasileira, facilitando o acesso à literatura infantil. A dupla de autores, premiada, é conhecida por obras como *Quem soltou o pum?* (2010), *Soltei o Pum na escola!* (2012), *A Raiva* (2014) e *Ernesto* (2016).

Após a análise do livro optamos por trechos e imagens que mais contribuem para a representação da vulnerabilidade em suas isotopias plásticas e figurativas.

Imagem 1 - (Capa)



Fonte: Imagem reproduzida pelas Autoras

À esquerda em letras pequenas observamos os nomes dos autores Blandina Franco e José Carlos Lollo. Abaixo em letras “garrafais”, a palavra Aporofobia se faz presente na expressão aflita de uma figura que observa três pessoas que parecem estar em situação de rua, em tamanho muito maior se comparado ao da família desamparada. Será que a aflição do sujeito é por testemunhar a realidade?

Na orelha do observador vemos a frase “você não conhece a palavra, mas conhece o sentimento”, fazendo alusão ao desconhecimento da expressão, mas o reconhecimento dos sujeitos apresentados na imagem. Abaixo, esquerda inferior aparece o nome e logo da editora Companhia das Letras.

Imagem 2 - (Folha de rosto)



Fonte: Imagem reproduzida pelas Autoras

Em primeiro plano o que nos chama a atenção aparecem os nomes dos autores e a frase lida anteriormente, na capa. Os nomes aparecem em fontes distintas das demais. As pessoas que aparecem na capa (duas crianças acompanhadas de um adulto) caminham em direção a uma série de prédios agrupados, cidade.

A escolha de destacar das figuras apresentadas nessa página pode indicar uma narrativa visual que antecipa ou complementa o conteúdo do texto ou futuras imagens do livro. As crianças podem representar a inocência e o adulto pode simbolizar a orientação que os orienta para o ambiente urbano, uma comunidade.

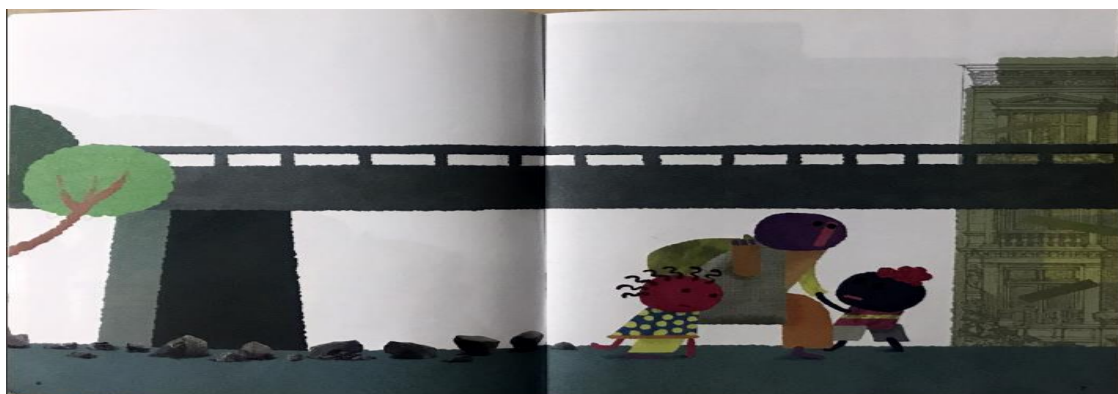
Imagem 3 - (Páginas 4 e 5)



Fonte: Imagem reproduzida pelas Autoras

O grupo é composto por duas crianças pretas, sendo que uma delas se assemelha mais à figura feminina em tom de pele. A mulher as mantém próximas: segura uma criança com uma mão e carrega um saco nas costas com a outra. Eles se movem por uma praça pública com bancos vazios e árvores. O céu cinza pode indicar chuva, amanhecer ou anoitecer. A ausência de outras pessoas ou animais reforça a sensação de isolamento. Enquanto a mulher e uma das crianças olham para frente, a outra olha para a direita. Só saberemos o que encontrarão na próxima página

Imagem 4 - (Páginas 6 e 7)



Fonte: Imagem reproduzida pelas Autoras

Os três, agora longe da praça, estão próximos a um viaduto com pedregulhos pontiagudos, impedindo-lhes o refúgio. Continuam em movimento, mais rápido devido à passada larga do adulto. A criança negra olha para a figura feminina, que inclina o olhar para baixo, parecendo perder a altivez anterior. O tom cinza persiste e o prédio em mau estado não oferece abrigo.

Imagem 5 - (Páginas 8 e 9)



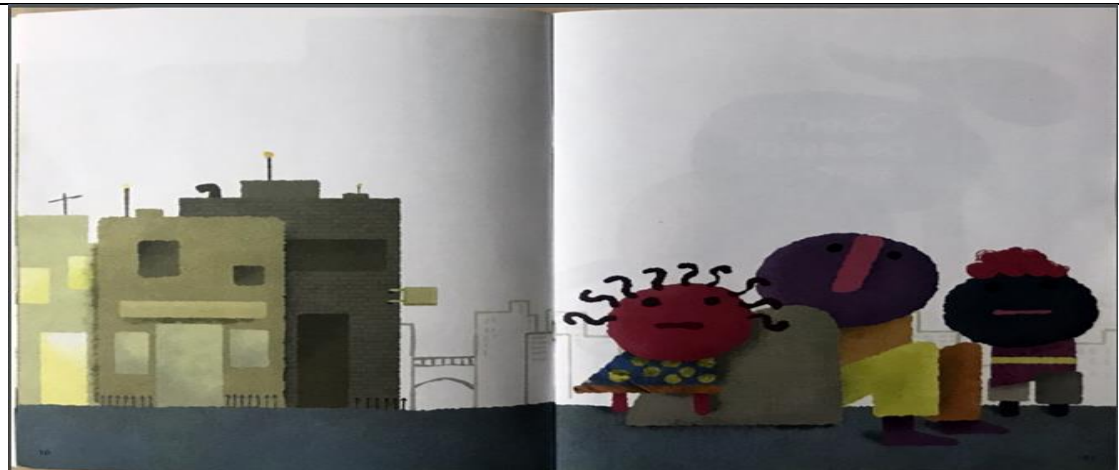
Fonte: Imagem reproduzida pelas Autoras

Na composição visual, um grande prédio bege ocupa a maior parte das páginas esquerda e direita. A família o observa, pensativa, com bocas entreabertas. O membro mais velho se destaca por não ter boca, talvez simbolizando uma limitação emocional.

Ao lado dessa edificação, resguardada por tábuas, situam-se dois outros prédios. Contudo, a entrada encontra-se protegida por uma arquitetura hostil, personificada por espetos, indicando claramente uma barreira que impede o abrigo naquele local. A presença de observadores adiciona um elemento de público à cena, sugerindo uma consciência coletiva sobre a inacessibilidade desse espaço.

À medida que observamos a cena percebemos os sujeitos da família mais próximos do leitor, agora em primeiro plano. As crianças, em um gesto de vulnerabilidade, esboçam sorrisos inseguros, elas contrapõem-se à paisagem ao fundo, onde uma série de prédios, em tons levemente apagados, destaca-se pela sua falta de vivacidade em contraste com os integrantes coloridos da família.

Imagem 6 - (Páginas 10 e 11)



Fonte: Imagem reproduzida pelas Autoras

Na primeira página os prédios possuem arquitetura hostil em sua entrada. Ao fundo vemos apenas as silhuetas lineares em tom ocre de uma cidade repleta de prédios. Em primeiro plano, as duas crianças e o adulto estão agachados, sentados e seus olhares voltados diretamente para nós, os leitores, estabelecendo uma conexão visual.

Imagem 7 - (Páginas 12 e 13)



Fonte: Imagem reproduzida pelas Autoras

As silhuetas dos prédios ao fundo tornam-se indistintas e apagadas, porém mantém uma presença marcante. Junto a elas, a família reaparece, com crianças mostrando expressões preocupadas, indicando uma mudança emocional na narrativa.

Em primeiro plano, destaca-se uma nova família, composta por um homem, uma mulher e uma criança, em tonalidades que se entrelaçam entre azuis, rosas e arroxeados. A mulher fecha os olhos em desgosto, o homem exibe uma expressão de incomodo e

censura, enquanto a criança, apontando surpresa para a família ao fundo, pergunta: "quem são essas pessoas?"

Imagem 8 - (Páginas 20 e 21)



Fonte: Imagem reproduzida pelas Autoras

Enquanto o adulto olha para o leitor, as crianças o observam com semblantes preocupados. Em primeiro plano, duas figuras esverdeadas e alaranjadas dialogam, com uma delas dizendo: "São uns infelizes", estabelecendo um julgamento sobre a família ao fundo. As cores vivas das figuras em primeiro plano contrastam com as cores escuras dos personagens ao fundo, indicando sua invisibilidade social.

A família aparece em segundo plano, acompanhada de palavras como "MEDO", "NINGUÉM", "FEDIDOS", rotulando-a negativamente. No modelo actancial de Greimas (1966), a família é o sujeito e as figuras em primeiro plano com suas declarações pejorativas são os oponentes. As palavras negativas funcionam como elementos disjuntivos, reforçando a exclusão entre a família e a sociedade.

O uso contínuo de adjetivos pejorativos fortalece a imagem negativa da família, mostrando sua vulnerabilidade e a rejeição pela sociedade. Essa narrativa reflete a "transformação" negativa da família pela intervenção dos oponentes (sociedade).

Imagem 9 - (Páginas 38 e 39)

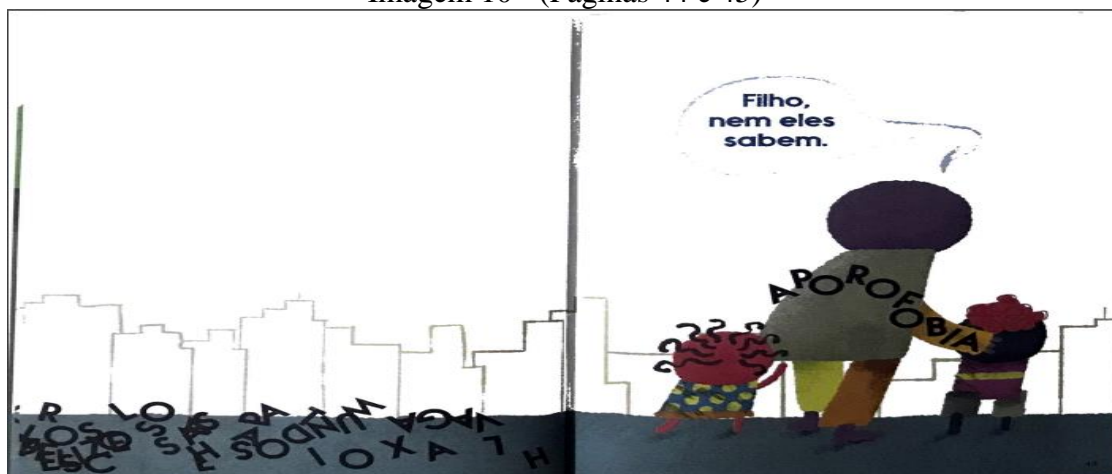


Fonte: Imagem reproduzida pelas Autoras

Neste novo desenvolvimento da narrativa, a família assume o primeiro plano, rompendo o antigo estado de ser quase invisível e "soterrada" pelas palavras pejorativas. Agora, as crianças, em destaque, observam a figura paterna, e uma delas expressa uma dúvida dolorosa: "Por que eles não gostam da gente, pai?"

Essa pergunta inocente revela a consciência das crianças sobre a hostilidade externa em relação à sua família. Elas estão buscando entender por que são alvo de rejeição e desgosto por parte da sociedade. A inversão da perspectiva, onde as crianças agora questionam a hostilidade percebida, coloca em evidência a humanidade e a vulnerabilidade da família, desafiando os estereótipos negativos anteriormente atribuídos a eles.

Imagem 10 - (Páginas 44 e 45)



Fonte: Imagem reproduzida pelas Autoras

Nessa cena, a família se prepara para seguir em frente, e o pai, de costas, coloca a mão no ombro do filho, respondendo: "Filho, nem eles sabem." Essa resposta sugere que o preconceito na sociedade é tão enraizado que as pessoas não percebem o impacto de suas palavras e atitudes negativas em relação às pessoas em situação de rua, que já são vulneráveis enquanto marginalizadas.

Ao colocar uma mão no ombro do filho, o pai oferece um gesto de apoio físico e que pode ser interpretado como mensagem de força e resiliência emocional. A escolha de enfrentar o desconhecido, mesmo quando incompreendidos e estigmatizados, é um ato poderoso que define a trajetória da família.

A palavra "Aporofobia" nas costas da família é uma imagem simbólica e marcante que se refere à aversão aos pobres, destacando a temática central do livro. A família, agora determinada a enfrentar o futuro, deixa para trás as palavras negativas que os oprimiram, simbolizando o preconceito que enfrentam diariamente.

O título do livro ganha um novo nível de profundidade, tornando-se não apenas uma palavra, mas um reflexo visual e emocional da experiência da família e de sua jornada contra a aporofobia.

A relação do livro infantil analisado e a produção editorial

Segundo Chartier (1999), um livro transcende sua existência física, sendo uma construção cultural e social moldada pela interação entre autores, leitores, editores e o contexto histórico. A produção editorial inclui a história da escrita, leitura e literatura, abrangendo edição, publicação, distribuição e novas plataformas.

Entre 2019 e 2022, a população em situação de rua no Brasil cresceu 38%, atingindo 281.472 pessoas, e aumentou 211% entre 2012 e 2022, muito além do crescimento de 11% da população brasileira na última década (Ipea, 2023).

A incorporação do tema social na presente obra representa uma estratégia editorial importante, utilizando uma linguagem literária apropriada para tratar a aporofobia no contexto infantil. Essa abordagem promove o consumo de livros como "código cultural" (Silva et al., 2023, p. 6), discutindo temas difíceis e gerando boas vendas. A obra faz parte de uma série de livros de baixo custo, criada pela editora para atingir um público maior. Dessa forma, a produção literária infantil tem se mostrado um campo fértil para discutir questões sociais e políticas, como a aporofobia.

Considerações Finais

Ao abordar a aporofobia, desde a definição de Adela Cortina até sua proeminência nas redes sociais, percebemos que a aversão à pobreza é um fenômeno complexo na sociedade. A narrativa de Padre Júlio Lancellotti, amplificada pelo Instagram, é fundamental para sensibilizar sobre a vulnerabilidade dos marginalizados.

A ética de corresponsabilidade delineada por Cortina destaca a importância da administração das condições jurídicas e políticas, ressaltando que a responsabilidade de reconhecer, respeitar e apoiar os menos favorecidos se estende desde as políticas públicas até as instituições fundamentais da sociedade, como a família e a escola.

Nesta análise verbo-visual, texto e imagem combinam para formar uma mensagem complexa, destacando como alguns personagens são estigmatizados e vulneráveis, mesmo sem interação direta, como na história. O livro não só proporciona prazer de leitura, mas também promove o reconhecimento da realidade social, o respeito às diferenças e a importância dos Direitos Humanos.

Assim, a literatura infantil do século XXI tem sido cada vez mais estudada e valorizada em pesquisas e cursos acadêmicos, superando a menoridade à qual estava subjugada até os anos 1970 e 1980 (Lajolo e Zilberman, 2017, p. 136).

REFERÊNCIAS

ACAYABA, Cíntia; RODRIGUES, Rodrigo. **Aporofobia: conheça o significado da palavra usada em campanha por Padre Júlio Lancellotti no país**. O Globo, São Paulo, 12/10/2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/12/10/padre-julio-lancellotti-faz-campanha-contra-a-aporofobia-no-pais-conheca-o-significado.ghtml> – Acesso em: 26 mai. 2024.

APOROFOBIA. *In*: **Vocabulário ortográfico da língua portuguesa**. Academia Brasileira de Letras. 2023-2024. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/aporofobia> - Acesso em: 26 mai. 2024.

BUTLER, J. **Corpos em Aliança e a política das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

_____. **Vida precária**. Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, São Carlos, 2011. n.1. p.13-33. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/18/3>. Acesso em: 26 mai. 2024.

CANTINI, Luciano. **O que é "aporofobia"? Uma reflexão útil e atual.** Instituto Humanitas Unisinos. 10 jul. 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/580771-o-que-e-aporofobia-uma-reflexao-util-e-atual> - Acesso em: 26 mai. 2024.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.** 2ª. ed.- ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

CORTINA, Adela. **Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia.** São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

FRANCO, Blandina. **Aporofobia: você não conhece a palavra, mas conhece o sentimento.** 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.

GREIMAS, Algirdas Julien. Semiótica figurativa e semiótica plástica. **Significação: Revista De Cultura Audiovisual**, 1984, 18-46. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.1984.90477> - Acesso em: 01 jun. 2024.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (Ipea). **População em situação de rua supera 281,4 mil pessoas no Brasil.** 2023. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/13457-populacao-em-situacao-de-rua-supera-281-4-mil-pessoas-no-brasil>. Acesso em: 18 jul. 2024.

HAWTHORNE, Susan. **Bibliodiversidad. Un manifiesto para la Edición Independiente.** trad. Sáez J. Carlos y Alejandro Caviedes, Buenos Aires. Argentina: La Marca Editora, 2018.

LAJOLO, Maris; ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos.** São Paulo: Global Editora, 1986.

_____. **Literatura infantil brasileira: uma nova outra história.** Curitiba: PucPress, 2017.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro (organizadora). **Vulnerabilidades, justiça e resistências nas interações comunicativas** [recurso eletrônico]. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2018.

MEDINA, Miguel Àngel. O ódio aos pobres sai da escuridão. El País, Espanha, 05/08/2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/04/internacional/1533407246_853089.html. Acesso em: 26 mai. 2024.

SILVA, Eloenia Oliveira da; MARCATO, Maria Luisa Ramirez Soares; HELLER, Barbara. (Re)memoração como forma de consumo: literatura infantil sobre a morte. In: **ANAIS DO CONGRESSO INTERNACIONAL COMUNICAÇÃO E CONSUMO 2023**, 2023, São Paulo. Anais eletrônicos. Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/comunicon-2023/trabalhos/rememoracao-como-forma-de-consumo-literatura-infantil-sobre-a-morte?lang=pt-br> - Acesso em 01 jun. 2024.